

# **Um espaço de cultura e memória no bairro da Liberdade em São Paulo**

Mario Takeyoshi Onaga  
Orientado por Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Vieira Bogéa



fig.01. ANIZELI, Eduardo. Um beco de 50 metros de extensão com uma capela de taipa de 1974 ao fundo é tudo que sobrou do primeiro cemitério público de São Paulo. 2018. 1 fotografia. . Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1609621348748110-capela-dos-aflitos>. Acesso em: 12 jan. 2022.



fig.02. YONAMINE, Daniel. Movimento de turistas na rua Galvão Bueno durante o festival Toyo Matsuri, símbolo de agradecimento dos comércios aos frequentadores do bairro mais oriental de São Paulo. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.mundook.com.br/toyo-matsuri-movimenta-a-liberdade/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

# agradecimentos

À minha família, sem a qual essa formação não seria possível.

Aos meus amigos, Paula, Bia M., Billi, Portinari, Pedro, Elisa, Bruna, Arthur, Marina, Mariana, Bia B, Cláudia, Jayne, Pamela e André, pelas conversas, ensinamentos, companhia e cooperação durante todos esses anos de FAU.

Aos membros da banca, Antonio Carlos Barossi e Francisco Fanucci, por aceitarem o convite de fazer parte desse trabalho.

À minha ilustre orientadora Marta Bogéa que me acompanhou com muita eupatia e afinco.

À USP por me acolher e ensinar tanto.

resumo

O objetivo final deste trabalho final de graduação é investigar o bairro da Liberdade na cidade de São Paulo, por reconhecer uma grande potencialidade de projeto na região devido a sua riqueza histórica.

Entende-se que o desenvolvimento do bairro tem base, sobretudo, no comércio, deixando os equipamentos culturais e de serviço em segundo plano, enquanto apaga a memória das diversas camadas sócios culturais que o formaram.

Propõe-se então, um projeto arquitetônico para o qual a cultura e a memória são o tema central. No qual, história do bairro é resgatada e enfatizada como centralidade para a memória de diversos grupos sociais que formam a cidade de São Paulo.

Palavras-chave: espaço público, cultura, memória, projeto.

abstract

The following Bachelor’s Degree Paper objective is to investigate the Liberdade neighborhood in the city of São Paulo, as it recognizes a great project potential in the region due to its historical richness.

It is understood that the development of the neighborhood is given, above all, trade-based, leaving cultural and service facilities in the background, at the same time erasing the memory of the different socio-cultural layers that formed it.

It is then proposed a architectural project for which culture and memory are the central theme, rescuing the history of the neighborhood and emphasizing its importance as a centrality for the memory of various social groups that make up the city of São Paulo.

Keywords: public space, culture, memory, project.



sumário

Introdução.	10
<b>1. História do Bairro da Liberdade.</b>	<b>13</b>
A acomodação do imigrante japonês no bairro da Liberdade.	14
Orientalização da Liberdade.	18
A Liberdade antes da chegada dos imigrantes orientais.	22
Lugar de controle e opressão.	24
O Movimento Negro e a Liberdade.	28
<b>2. Reconhecendo a área de intervenção.</b>	<b>31</b>
Leitura inicial através de mapas.	32
Leitura local na escala do pedestre.	40
Escolha do terreno de projeto.	46
<b>2. Projeto.</b>	<b>57</b>
Diretrizes.	58
Diagramas.	60
Plantas e Cortes.	70
Conclusão.	104
Referências Bibliográficas.	106
Referências Projetuais.	108

# Introdução

Por ser descendente de japoneses, a cultura nipônica sempre fez parte de mim. Por isso, tenho uma forte ligação com o bairro da Liberdade, um lugar que esteve frequentemente presente na minha vivência. Desde pequeno tenho memórias de passeios pelo bairro com minha família, para comprar produtos japoneses, participar dos festivais que acontecem anualmente no bairro, ou frequentar os cursos nos centros culturais ali instalados.

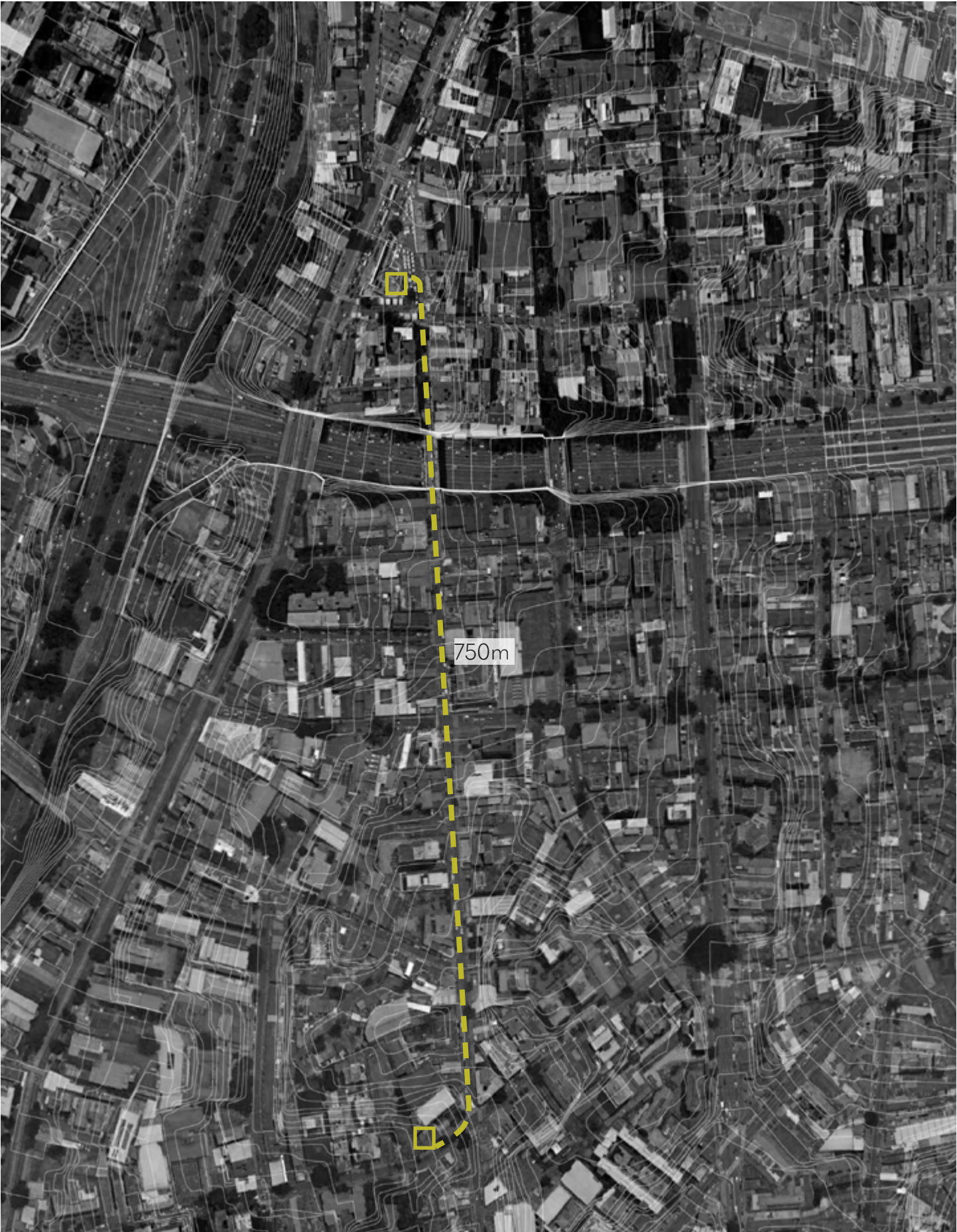
Entretanto, foi somente após crescido, durante os primeiros anos da faculdade, quando retomei meus estudos da língua japonesa, que passei a frequentar o bairro com mais intensidade.

O curso era ministrado no edifício da Sociedade brasileira de Cultura japonesa e de Assistência Social — conhecido também como Bunkyo, localizado no encontro da rua Galvão Bueno com a rua São Joaquim. As aulas ocorriam todos os sábados. Para chegar ao curso, eu descia na estação Liberdade do metrô e percorria a pé a rua Galvão Bueno, atravessava o viaduto, até chegar no cruzamento com a rua São Joaquim, subia até o número 381, onde, na fachada de um prédio genérico, recuada 2 m da calçada, eu encontrava uma porta de vidro preto fumê genérica. A única forma de identificar a entrada, fora ter o endereço exato do local e prestar muita atenção à numeração da rua, era avistando uma pequena placa de vidro ao lado da porta, com a inscrição: “Sociedade brasileira de Cultura japonesa e de Assistência Social — Bunkyo”. Durante os 3 anos que frequentei religiosamente o edifício aos sábados. Eu me encontrei com, provavelmente, somente 3 ou 4 grupos de pessoas que não faziam parte da comunidade nipônica, e estavam indo visitar o museu da imigração japonesa, instalado no 7.º ao 9.º andar do edifício.

É nesse cenário que surgiu a motivação inicial desse trabalho. Projetar um centro cultural no coração do bairro para que um dia de turismo na Liberdade não se resuma somente à compra de produtos orientais e comida tradicional.

Contudo, prestando mais atenção à história do bairro, superando o ofuscamento da decoração asiática, enxerga-se outra arquitetura que remonta a uma Liberdade que existiu muito antes da chegada dos imigrantes orientais. Uma Liberdade que também necessita ser reconhecida e lembrada. Então, partindo desse contexto é que surge o desejo de projetar um centro de cultura que abrigue a história e a memória do bairro da Liberdade em sua totalidade, tornando a visível e acessível para a toda pessoa que frequenta e visita o bairro.

À direita, Mapa 1. Distância entre a estação de metrô Japão-Liberdade e a Sociedade brasileira de Cultura japonesa e de Assistência Social. Levantamento de campo e informações adicionais de Google Earth 2021.



## **1. História do bairro da Liberdade**





## A acomodação do imigrante japonês no bairro da Liberdade

A presença dos imigrantes japoneses na cidade de São Paulo em 1910, dois anos após a chegada da primeira leva no navio Kasato Maru, já eram em torno de 100 a 250 pessoas. Alguns foram para a cidade apenas brevemente e partiram para empregos nas lavouras do interior; aqueles que permaneceram inevitavelmente precisavam de tempo para se estabelecer. A maioria acabou se tornando pequenos artesãos, como carpinteiros, ou trabalhavam como empregados domésticos. Sem dinheiro e com a necessidade de moradia barata, acabaram vivendo em alojamentos subterrâneos anteriormente usados como depósitos ou, em anos anteriores, como alojamento para escravos.<sup>1</sup>

Os registros mostram que os imigrantes japoneses se instalaram sobretudo na rua Conde de Sarzedas e seu entorno. A rua era ladeira íngreme onde quase todos os imóveis tinham porões, e os aluguéis dos quartos no subsolo eram incrivelmente baratos. Além disso, residir nesta região possibilitava a ida para o centro sem a necessidade de desembolsar o dinheiro do bonde.

Contudo, a vida nesses porões não era fácil. Handa Tommo<sup>2</sup> cita uma carta de um imigrante de abril de 1909 descrevendo um pouco como eram as condições de vida naquele período:

“Vivemos num cantinho de um bairro pobre. Estamos nós seis numa casa tão pequena, podre e fétida que, se vocês estivessem aqui, sairiam correndo com a mão a tapar o nariz. fabricamos aqui brinquedos japoneses. primeiro, fomos obrigados a reduzir as refeições, de três para apenas duas vezes ao dia; logo mais, nem isso foi possível e passamos a sorver papa de arroz; quando isso também se tornou impossível, passamos a

1. LONE, S. The Japanese community in Brazil, 1908-1940: between samurai and carnival. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave, 2001.

2. HANDA, Tomoo. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

Mapa 2. A região da rua conde Sarzedas. O oásis dos imigrantes japoneses (1910-1940),HANDA, Tomoo, 1987, p. 170.



comer tão-somente banana; quando até mesmo a banana se acabava, ficávamos frequentemente dois ou três dias sem nada comer. Imagino que Deus ainda esteja precisando de mim: felizmente, ainda não morri de fome...” (SHUKEI, Uetsuka. p.199).

Já nessa época começaram a surgir as atividades comerciais: uma hospedaria, um empório, uma casa que fabricava tofu (queijo de soja), outra que fabricava manju (doce japonês) e também firmas agenciadoras de empregos, formando assim a “rua dos japoneses”. Nos primeiros tempos, o barbeiro, as casas de udom, as mercearias, tudo funcionava nos porões.

Nos anos 20 e 30, a vida ainda não era fácil para os imigrantes japoneses que viviam em São Paulo, mas havia trabalho, comida e moradia. E eles já estavam integrados à vida da cidade. Se identificava facilmente que era uma moradia de japoneses, pois que tão logo fixaram residência, os japoneses procuravam em seguida fabricar misso, tradicional fermentação de soja e sal. E o

cheiro característico do missoshiru, um caldo feito daquele ingrediente, ficava pairando no ar. Pouco a pouco a ladeira da rua Conde foi sendo dominada por um cheiro característico do Japão. Para os brasileiros devia ter sido um cheiro esquisito ou, pelo menos, estranho, mas, para os japoneses que vinham do interior, tratava-se do cheiro saudoso do misso, capaz de curar a nostalgia da pátria.

Fig. 3. A Casa Hase, de artigos importados do Japão, HANDA, Tomoo, 1987, p. 589.





Entretanto, com o início da guerra no Pacífico, em 1942, o governo de Getúlio Vargas rompeu relações diplomáticas com o Japão, fechando o Consulado Geral do Japão (fundado em 1915 na rua Augusta, 297). No dia 6 de setembro, o governo decretou a expulsão dos japoneses residentes nas ruas Conde de Sarzedas e Estudantes. Somente em 1945, após a rendição do Japão, é que a situação voltou à normalidade na região.

O retorno dos japoneses para o bairro da Liberdade foi impulsionado em julho de 1953, quando Yoshikazu Tanaka inaugurou na rua Galvão Bueno o famoso Cine Niterói. um prédio de 5 andares, com salão, restaurante, hotel e uma grande sala de projeção no andar térreo, para 1.200 espectadores, onde eram exibidos semanalmente as principais produções do cinema japonês.

“Nos anos de 1950 e 1960 se alguém quisesse acompanhar as produções da indústria cinematográfica japonesa havia um endereço

certo em São Paulo: o Cine Niterói. Encravado no bairro da Liberdade, na rua Galvão Bueno, o Cine Niterói, que nada tem a ver com o município fluminense, abriu suas portas em 1953. Com mais de 1200 lugares, e um nome que é a junção de ‘Nitto’ (Japão) e herói, o cinema apresentava exclusivamente sucessos da terra do sol nascente. Suas sessões eram disputadíssimas, com filas que tomavam a calçada. O local foi peça chave na caracterização do bairro da Liberdade como um bairro oriental e ajudou a fomentar uma rede de comércio na região.” (BATISTA, Liz. Era uma vez em São Paulo: Cine Niterói, Estadão. São Paulo, 20 mar. 2015) A rua Galvão Bueno passa, então, a ser o centro do bairro japonês, tendo recebido parte dos comerciantes expulsos da rua Conde de Sarzedas. Era ali que os japoneses passaram a encontrar um cantinho do Japão em São Paulo para matar as saudades da terra natal.

Fig. 4. Pessoas param para ver os filmes em cartaz no Cine Niterói/ Reprodução Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/imagens/105x65/CineNiteroiA.jpg>. Acessado em: 19 jun. 2022.



Desde então o desenvolvimento sócio-econômico desse grupo só cresceu. Em abril de 1964 foi inaugurado o prédio da Associação Cultural Japonesa de São Paulo (Bunkyo) na esquina das ruas São Joaquim e Galvão Bueno.

Sob a atuação do Prefeito Fábio Prado e com a operosidade de Prestes Mais, São Paulo passa por um processo de renovação assombroso. “Alargam-se praças e ruas. Erguem-se arranha-céus, começando já no segundo quartel do século a despontar a nova cidade de São Paulo para, a partir de 1960, ressurgir inteiramente transfigurada, como praticamente a temos atualmente”. (GUIMARÃES, 1979, p.87).

O bairro da Liberdade esteve contido nesse fantástico processo de crescimento e, em agosto de 1973, completamente remodelado, foi entregue ao domínio público na gestão de prefeito Figueiredo Ferraz. Na ocasião, ele prometeu à colônia japonesa da Liberdade,

que a Secretaria de Turismo Municipal seria ativada no sentido de incentivar os lojistas da região para se implantar um plano paisagístico, transformando-a no bairro oriental, efetivamente.

Fig. 5. A “Empresa Arte Graphica”, dos irmãos Shiotani, na rua Galvão Bueno, HANDA, Tomoo, 1987, p. 586.





# Orientalização da Liberdade

O plano de orientalização da Liberdade, de autoria de Randolpho Marques Lobato, foi anunciado em 1969. Ele pretendia transformar a região numa espécie de Chinatown nova-iorquina de modo a consolidar a tendência existente do bairro de se converter num núcleo oriental e que teria a condição de se tornar uma atração turística para nacionais e estrangeiros.

Por esse plano e, mediante a cobertura da Secretaria do Turismo, uma vez retirados os tapumes e materiais de construção da linha metروviária, as luminárias a vapor de mercúrio existentes seriam substituídas por lanternas de estilo oriental, elaboradas por artistas dessa comunidade. São lanternas grandes, com 50 centímetros de altura e 20 centímetros de diâmetro, que foram colocadas a partir da Rua Galvão Bueno, considerada a espinha dorsal do bairro oriental.

Planejou-se, a seguir, a caracterização do tradicional bairro da Liberdade em bairro tipicamente oriental, cogitando-se da substituição das calçadas de cimento, por passeios de azulejos decorados com motivos chineses e japoneses. As fachadas dos prédios deviam ser reformadas e pintadas à maneira dos edifícios orientais, enquanto os luminosos dos estabelecimentos comerciais seriam nomeados na sua língua de origem, com a respectiva tradução ao lado.

As três estradas principais do bairro seriam guarnecidas de portais — os “tori” — e pequenos jardins com guaritas para os guardas de trânsito, semelhante às existentes em Tóquio.

A Prefeitura de São Paulo e a Comunidade do bairro arcarão com as despesas, mas caberá a cada lojista, dono de restaurante, armazém, ornamentar a fachada de seu prédio, conforme a velha tradição oriental, e certamente, com a predominância do vermelho, cor preferida por chineses e japoneses. Além disso, foi previsto que exposições

À direita,  
Fig. 6. Fachada Ikesaki anos 80 Divulgação/ Veja SP.Disponível em: [https://vejasp.abril.com.br/wp-content/ploads/2016/11/24331\\_fachada-ikesaki-anos-80-jpg.g?](https://vejasp.abril.com.br/wp-content/ploads/2016/11/24331_fachada-ikesaki-anos-80-jpg.g?)  
Acessado em: 19 jun. 2022.

À esquerda,  
Fig.7.Poral e luminárias na Rua Galvão Bueno. JUDITE, Lucí Disponível em:[Rua\\_Galvão\\_Bueno,\\_Liberdade,\\_São\\_Paulo\\_\(2009\)](https://www.flickr.com/photos/lucijudite/10101010101/)  
Luci Judice Yizima, CC BY-SA 4.0 [httpscreativecommons.org/licensesby-sa4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), via Wikimedia Commons

de artesanato oriental, espetáculos musicais e coreográficos serão apresentados regularmente, sendo que as festas tradicionais do Japão e da China, são intensamente festejadas no novo bairro da Liberdade.

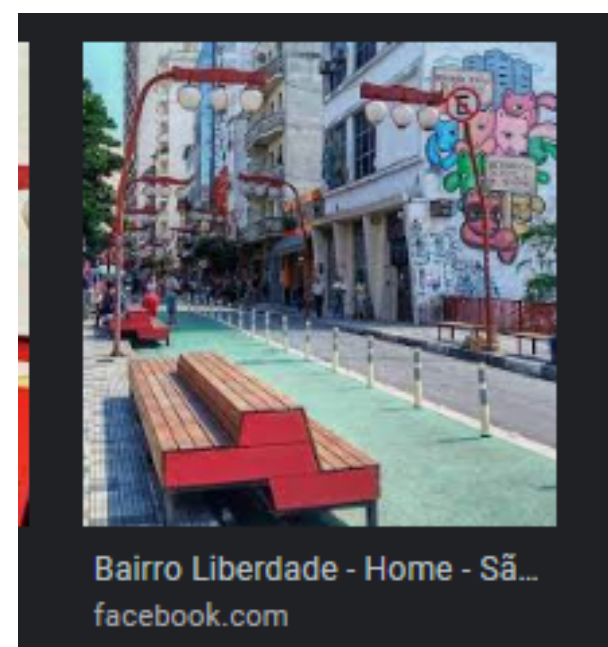
O plano de orientalização se mostrou muito bem-sucedido, visto que a Liberdade atualmente é instantaneamente reconhecida como bairro oriental da capital paulista. Sendo reconhecida e festejada pela ocupação asiática do local.

Contudo, toda essa narrativa, as luminárias e portais que hoje são cartão-postal do bairro não apenas atribuem uma estética genérica a culturas orientais distintas como também causam a impressão errônea de que houve um percurso de ocupação linear e homogêneo pelos imigrantes orientais.

Para entender melhor o bairro, a pesquisa volta mais no tempo, e discute mais sobre o processo de ocupação inicial da Liberdade, desde o período colonial .

À cima,  
Fig. 8. Festividades na Rua Galvão bueno Divulgação/nquest. Disponível em: <https://nquest.com.br/wp-content/uploads/2019/06/4-2.jpg> Acessado em: 19 jun. 2022.





figs. 9 a 16. Caputura de tela dos oito primeiros resultados do Google imagens à pesquisa dos termos “bairro da Liberdade São Paulo”. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=Bairro+da+Liberdade+S%C3%A3o+Paulo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewj1qaeqpfX4AhWIGbkGHQQdB-0Q\\_AUoAnoECAIQBA&biw=1920&bih=929&dpr=1](https://www.google.com/search?q=Bairro+da+Liberdade+S%C3%A3o+Paulo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewj1qaeqpfX4AhWIGbkGHQQdB-0Q_AUoAnoECAIQBA&biw=1920&bih=929&dpr=1). Acessado em: 12 jun. 2022.



# A Liberdade antes da chegada dos imigrantes orientais.

Nos tempos coloniais, área que hoje conhecemos como bairro da Liberdade era conhecida como O Distrito Sul da Sé, o qual guarda em sua história o rastro de uma estrada ancestral. Essa estrada constituía um eixo arterial e rotas secundárias por onde circulavam os habitantes das matas nativas que o invasor europeu acordou chamar de indígenas. “Esse caminho, cujo trajeto foi estudado por Washington Luís e a que os índios chamavam de piabiru, corria, segundo o Pe. Montoya, toda à terra, a duzentas léguas da costa, e desde São Paulo para o Sul”<sup>3</sup>. A presença desse longo caminho facilitou a penetração dos portugueses planalto acima, a partir de São Vicente, subindo pela encosta da Serra do Mar.

Nesse período, a cidade de voltava-se para o leste, onde ficava sua entrada principal para quem vinha do Rio de Janeiro. O Distrito sul da Sé ficava no qual era considerado como um acesso secundário à cidade, em direção à chegada pelo antigo caminho do Peabiru, que levava ao litoral. Conforme relata Ana Cláudia Barone<sup>4</sup>, esta área destinava-se a abrigar o aparato institucional, jurídico e militar vinculado ao poder da Coroa como o pelourinho, o quartel, o fórum, a prisão, a força, a casa de pólvora e o cemitério dos indigentes, soldados, escravizados e não batizados.

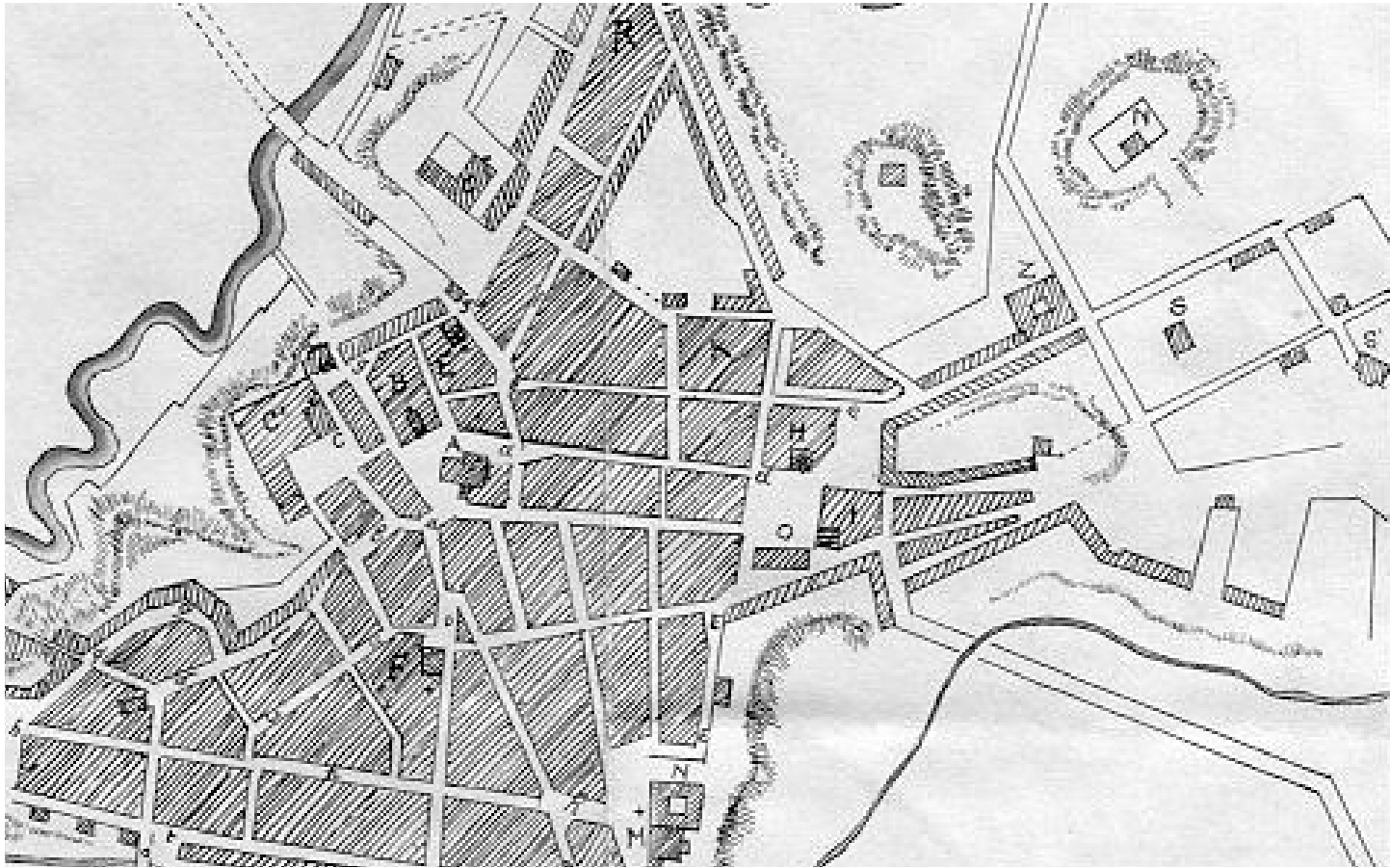
Em 1560, a vila e seus moradores são transferidos para o Planalto. O marco fundador dessa transferência foi justamente a transposição do pelourinho, inicialmente instalado junto ao Pátio do Colégio e realocado diversas vezes até ocupar o denominado Largo do Pelourinho, junto à Casa de Câmara, precisamente no caminho da saída para Santos<sup>4</sup>.

3.Cf. CORTESÃO, 1995, P57-8 E KOK, 2009, P94.

4.BARONE, Ana Cláudia 2020, p. 80.

Mapa 3. Mapa da Cidade de São Paulo e seus Subúrbios (detalhe mostrando os edifícios públicos localizados ao sul da Sé). São Paulo, 1847





# Lugar de controle e opressão

“Como alegoria, o pelourinho está associado à instituição da escravidão, como elemento de flagelo pela chibata. Por seu formato e finalidade, o instrumento se confunde no imaginário comum com o tronco das fazendas. No entanto, trata-se de um dispositivo público. Anteriormente à forca, o pelourinho é um instrumento do Estado colonial, o meio pelo qual a coroa implementava a ordem usando o recurso do castigo e da punição contra a violação das leis, com a pena de açoite. A forca tem uma função correlata para o Estado absolutista, instituindo a pena de morte. No entanto, a frequência de castigos em pessoas negras, escravizadas livres ou libertas, denotava a função dos rituais de violência do Estado como mecanismos fundamentais da manutenção da própria ordem escravagista.” (BARONE, Ana Liberdade e Punição: O que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade?. Cadernos Proarq, v.36, nov. 2020, p.81)

Na década de 1860, a área do Pelourinho passou a ser valorizada como uma “entrada” da cidade, para quem chegava pelo caminho do Mar. Com isso iniciou-se uma intensa mobilização do setor público na região, visando a implementação de melhoramentos públicos nos espaços do seu entorno. A cidade se modernizava e buscava assumir uma feição mais afeita ao sentido republicano, bem como uma escala de polo regional, preparado para absorver uma população crescente e de múltiplas origens<sup>5</sup>. Com o decorrer dos melhoramentos foram se removendo paulatinamente os equipamentos de força do Estado que se faziam presentes no local. Todas que foram citadas anteriormente, com exceção da Capela dos Aflitos, foram demolidas renomeadas e apagadas da história e memória oficiais para dar lugar à cidade republicana.

As fontes oficiais da época mostram que a região das praças já era denominada Largo da Liberdade. As obras realizadas nesse pedaço da cidade podem ser entendidas como uma preparação para a Segunda Fundação de São Paulo (João Teodoro, 1872-1876). Contudo, também são demolições no sentido de apa-

5.BARONE, Ana Cláudia 2020, p. 84.

Mapa 4. Planta da Imperial Cidade de São Paulo (detalhe indicando o promotório da forca). São Paulo, Levantamento de 1810 redesenhado em 1841. Fonte: Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.



gar a imagem autoritária do Estado Imperial, como uma de preparação para a República, que implicava também o apagamento da memória da escravidão.<sup>5</sup>

Moura e Barone afirmam que a ideia de Liberdade associada ao nome do largo, da avenida e depois do bairro estava relacionada ao próprio processo de emancipação do Brasil em relação à Coroa portuguesa. Entretanto, durante todo o processo de luta do negro pela emancipação, antes e também depois da abolição da escravidão, o nome do local foi ressignificado e assumiu outras conotações. Assim, do ponto de vista oficial, a ideia de se associar a imagem do largo à liberdade pode ser compreendida como uma maneira forçosa de desfazer a memória penal presente no local, vinculada à forte presença militar e à exposição e à execução de criminosos em praça pública pelas mãos do Estado.(Moura, 1952{1933}, p.91.).

Fig.17. Militão Augusto de Azeveso. Largo dos Remédios.Fotografia, 1887. São Paulo, Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo.



Entretanto, há outro discurso sobre a aproximação simbólica entre a Liberdade como toponímia. No âmbito popular se conta a história do “Santo Negro da Liberdade”-Francisco José Chagas, também conhecido como “Chaguinhas”.

Segundo os relatos, “Liberdade!” era a palavra de ordem do público no momento da morte Chaguinas, no Largo da Forca em 1821. Conta-se que o cabo negro havia sido condenado à morte por ter liderado uma revolta pelo não aumento de salários.

No momento do enforcamento, corda que o enforcava arrebentou e Francisco José Chagas caiu no chão ainda com vida. Na segunda tentativa, a corda rompe-se pela novamente. Houve uma terceira tentativa, também frustrada pelo rompimento da corda. Na época, era comum o perdão da pena quando o enforcamento não era consumado e as pessoas no local da execução pediram por sua liberdade. No entanto, Chaguinhas não foi perdoado. Ele foi morto a pauladas na frente de todos, e assim entrou para sempre no imaginário popular.

Chaguinhas está enterrado na Capela dos Aflitos, na Liberdade, da qual se tratará mais a frente do trabalho. Devotos deixam seus pedidos por milagres na igreja e, para serem atendidos, batem três vezes na porta.<sup>6</sup>



**Bato à porta 3 vezes,  
escrevo minha flição.  
Peço ao valente  
Chaguinhas, que  
salvou tantos irmãos.  
Ajude-me, bravo  
Chaguinhas,  
de amável coração.  
Nesta hora de  
amargura,  
conto com sua mão.  
Em nome do Pai, do  
Filho, do Espírito  
Santo,  
Amém.<sup>7</sup>**

6. Comunicação Liga Sp. Online. 2022. Disponível em:<https://ligasp.com.br/o-santo-negro-da-liberdade-e-o-enredo-da-mum/>(<https://ligasp.com.br/o-santo-negro-da-liberdade-e-o-enredo-da-mum/>). Acessado em: 12 jun. 2022

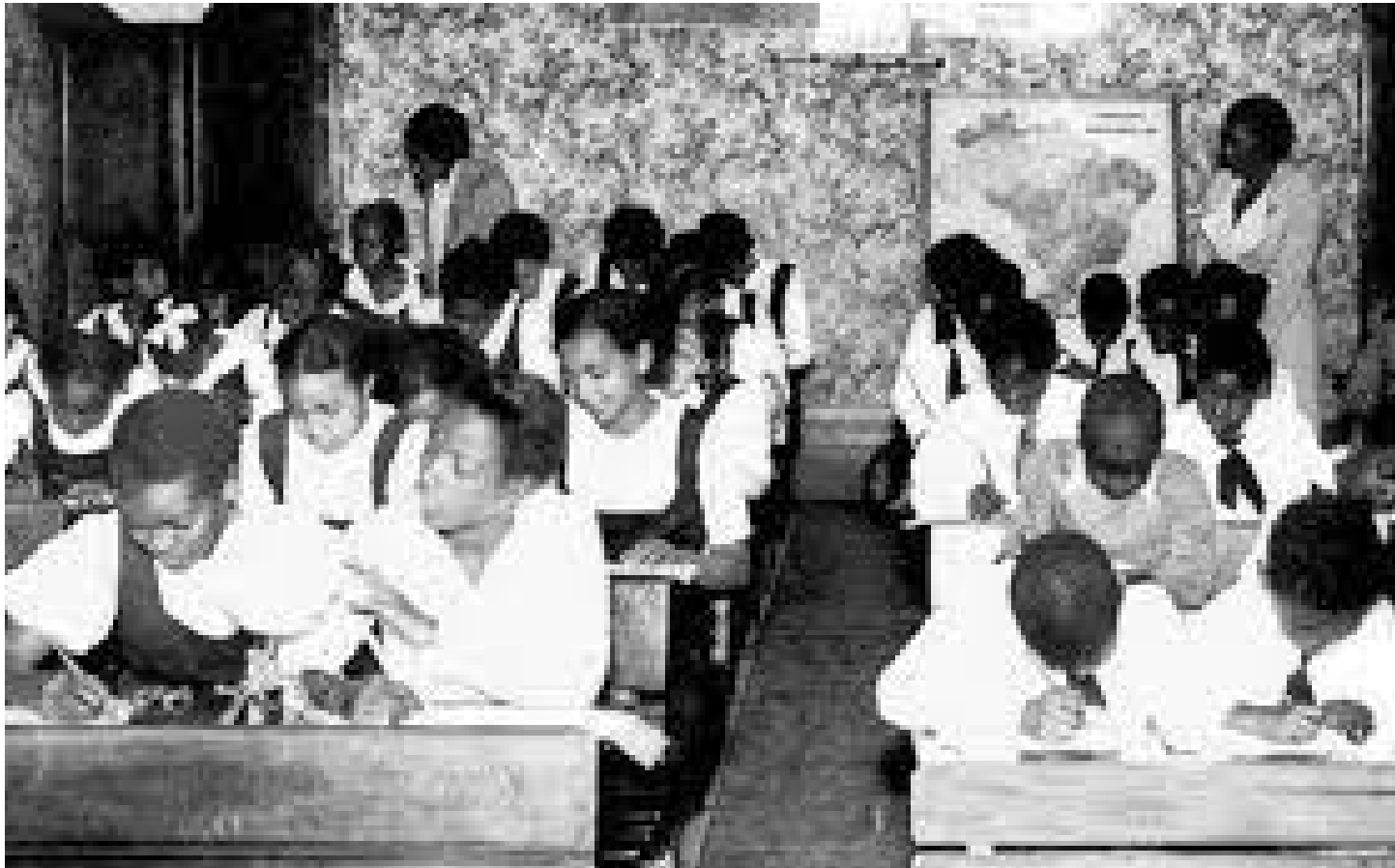
À cima,  
Fig.18 .MARZ, Marília.  
Ilustração do Francisco José de Chagas.

7. Oração à Chaguinhas.

À direita,  
Fig.19 .MARZ, Marília. Trecho da HQ “INDIVISÍVEL”, 2019,mostrando o enforcamento de Chaguinas.







## O Movimento Negro e a Liberdade

Entre 1920 e 30, depois de inúmeras transformações em curso no entorno da Av. Liberdade, importantes instituições do ativismo negro paulistano ali se fixaram. Em 1924, foi lançado o jornal o Clarim da Alvorada, um dos mais importantes jornais da imprensa negra paulista, que circulou até 1945. A Frente Negra Brasileira, considerada a organização mais importante do ativismo negro no pós abolição, passa a ocupar o 196 da Av. Liberdade, no edifício onde hoje está a Casa de Portugal.

A Frente Negra promovia a união da raça e buscava sua integração na vida nacional, provendo assistência e serviços à população negra, como educação, cultura, atendimento médico e odontológico, orientação moral, amparo jurídico e representação política. (INTO, 2013, p.86-95). A educação era compreendida como um projeto central na luta contra o preconceito racial e no preparo

do negro para a vida adulta, a inserção no mercado de trabalho e a ascensão social. Nesse sentido, a organização criou escola para as crianças negras e de outras raças e apara a alfabetização de adultos. A escola funcionava na própria sede, no bairro da Liberdade. (DOMINGUES, 2008.).

Foi somente em 1974, que a associação comercial local, majoritariamente japonesa, financiou a decoração das ruas do bairro e se inicia o projeto de orientalizarão que vimos anteriormente e continua até a atualidade. Mais recentemente, no dia 18 de julho de 2018, foi alterado o nome da estação do metrô “Liberdade” que atende o bairro, incluindo nele o termo “Japão”, despertando a provocação sobre a memória coletiva da Liberdade mais uma vez.

À direita,  
Fig.20 . Autor desconhecido, Grupo Escolar da Frente Negra Brasileira. Sem data. Fotografia. Fonte: Acervo pessoal Miriam Ferrara



BARONE nos ajuda a responder então o que a Liberdade significa para a memória dos negros em São Paulo:

“Entendemos então que a reinvidicação negra do bairro, primeiramente, não aciona apenas a presença e concentração naquele lugar, mas busca dar eco à voz do sofrimento que foi calado pela ação do próprio Estado, por meio de seus equipamentos e suas instituições de uso da força, da violência e da punição. Em segundo, busca oferecer um testemunho da importante presença negra na Liberdade, particularmente com sua atuação do movimento dos caifazes e da Frente Negra Brasileira e suas importante repercussões na luta pela liberdade e pala inserção do negro na sociedade, na sua educação e na sua representação política.” (BARONE, Ana, 2020, p.90).

Com esse entendimento, retorno o olhar para a Liberdade de hoje, procurando reconhecer o espaço resultante desse passado histórico de consecutivos apagamentos.

Fig.21 . Captura de tela da manchete da Carta Capital, W“O que a Liberdade significa para a memória dos negros em São Paulo?”, por CONSTANTI, Giovanna, 2018.

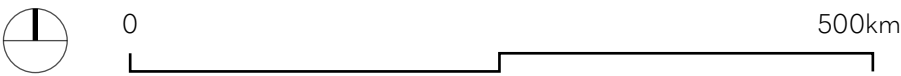
## **2. Reconhecendo a área de intervenção.**



# Bairro da Liberdade

análise através de mapas

Compreendido a história do bairro, passou-se para o estudo da Liberdade em sua conformação atual, prestando atenção na sua inserção na cidade e na infraestrutura urbana e equipamentos culturais existentes. Para isso, foram elaborados mapas temáticos com base nos dados obtidos pela plataforma Geo Sampa.








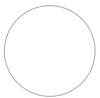


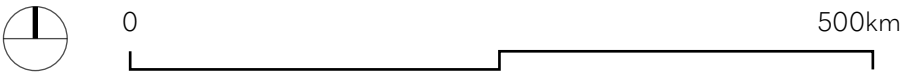
Mapa 5: Mapa de mobilidade urbana.mapa produzido a partir de base cartográfica Geosampa, 2021.





Mobilidade

-  Estação de metrô
-  Ponto de ônibus
-  Linha de metrô
-  Corredor de ônibus
-  Linha de ônibus
-  Faixa de ônibus
-  Ciclovía
-  Área de maior interesse



Mapa 5: Mapa de mobilidade urbana.mapa produzido a partir de base cartográfica Geosampa, 2021.





### Cheios, vazios e vias

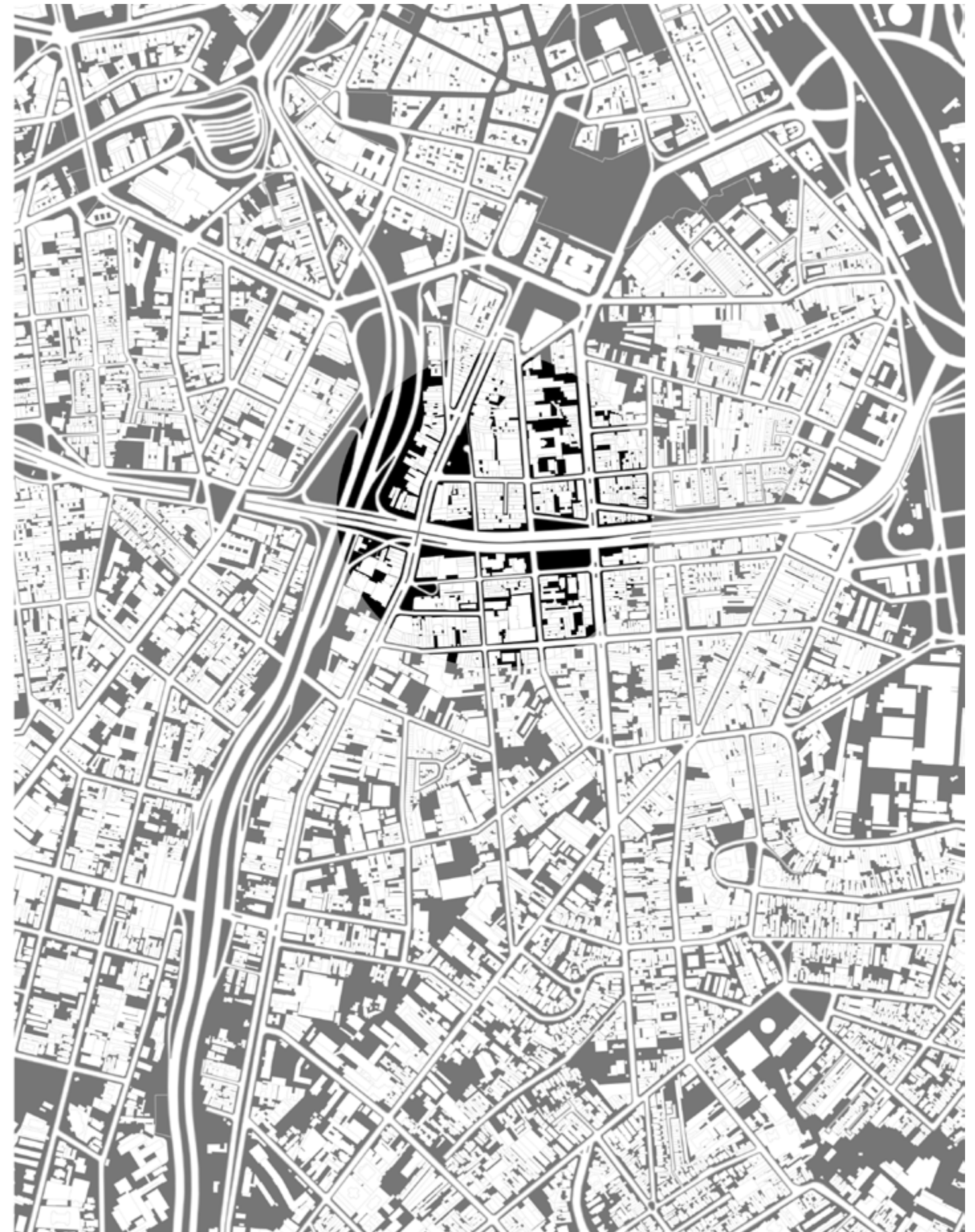
□ construções e vias

■ vazios

○ Área de maior interesse



Mapa 6: Mapa de cheios, vazios e vias do entorno. mapa produzido a partir de base cartográfica Geosampa, 2021.





## Gabarito

0m - 5m  
5m - 10m  
10m - 15m

15m - 35m  
35m ou mais

Área de maior interesse

0 500km

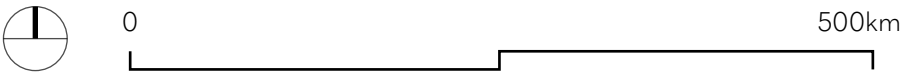
Mapa 7: Mapa de gabarito de altura das edificações do entorno. mapa produzido a partir de base cartográfica Geosampa, 2021.



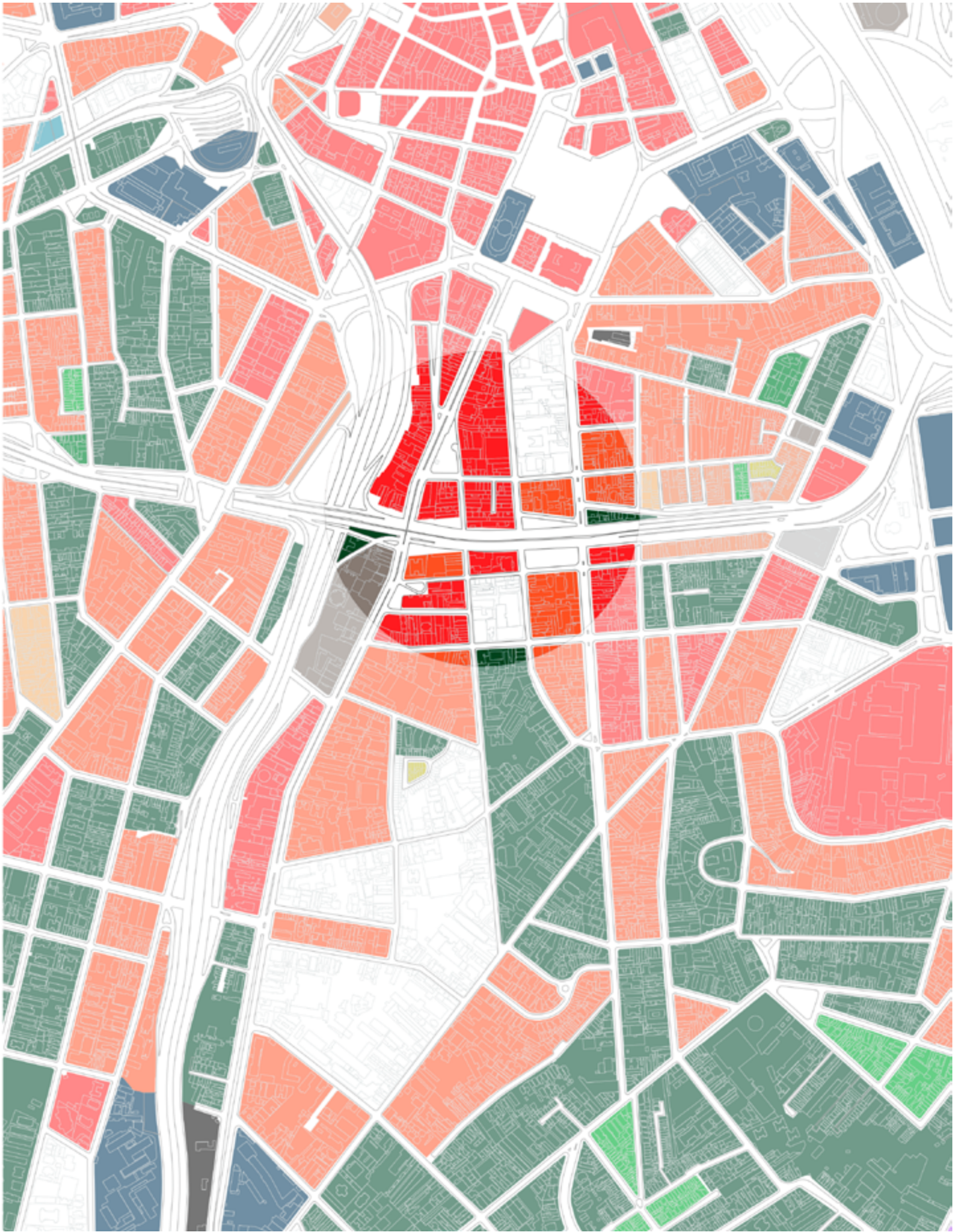


Uso predominante do solo

- Comércio e serviços
- Residencial e comércio
- Res. horizontal baixo padrão
- Res. horizontal médio/alto padrão
- Res. vertical baixo padrão
- Res. vertical médio/alto padrão
- Escolas
- Equipamentos públicos
- Indústria e armazéns
- Garagens
- Terrenos vagos
- Sem predominância
- Área de maior interesse



Mapa 8: Mapa de uso predominante do solo. mapa produzido a partir de base cartográfica Geosampa, 2021.





# Bairro da Liberdade

## leitura local na escala do pedestre

O traçado da Avenida Liberdade e a Rua Conselheiro Furtado, por conta da escala dessas vias, que privilegia a circulação de automóveis e interrompe o passeio do pedestre, acaba por delimitar a região de circulação de turistas que visitam o bairro.

Dei especial atenção à região mais próxima à praça da Liberdade pois a entendo como o polo condensador social estruturante do bairro por abrigar o metrô, ser o lugar onde se realizam os eventos e concentra grande parte do comércio e serviços locais. Com isso delimitei minha área de interesse e iniciei o levantamento dos lotes passíveis de projeto.

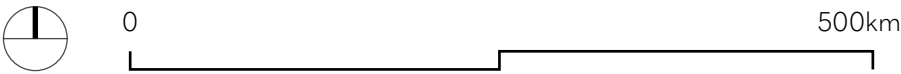
Utilizando a base cartográfica Geo Sampa 2021, destaquei as propriedades notificadas com IPTU progressivos ervindo do Google Street View e observações em visita ao local, adicionei os terrenos vazios ou ocupados por edifícios-garagem.

### Legenda

- Bem tombado e/ou em processo de tombamento
- 
- Equipamentos de cultura

 Lotes levantados Estação de metrô Japão-Liberdade Vias delimitadoras Área de maior interesse

área de interesse + -



Mapa 10. Análise do bairro da Liberdade e levantamento de lotes para projeto. Levantamento em campo, Google Street View, Geo Smapa, 2021

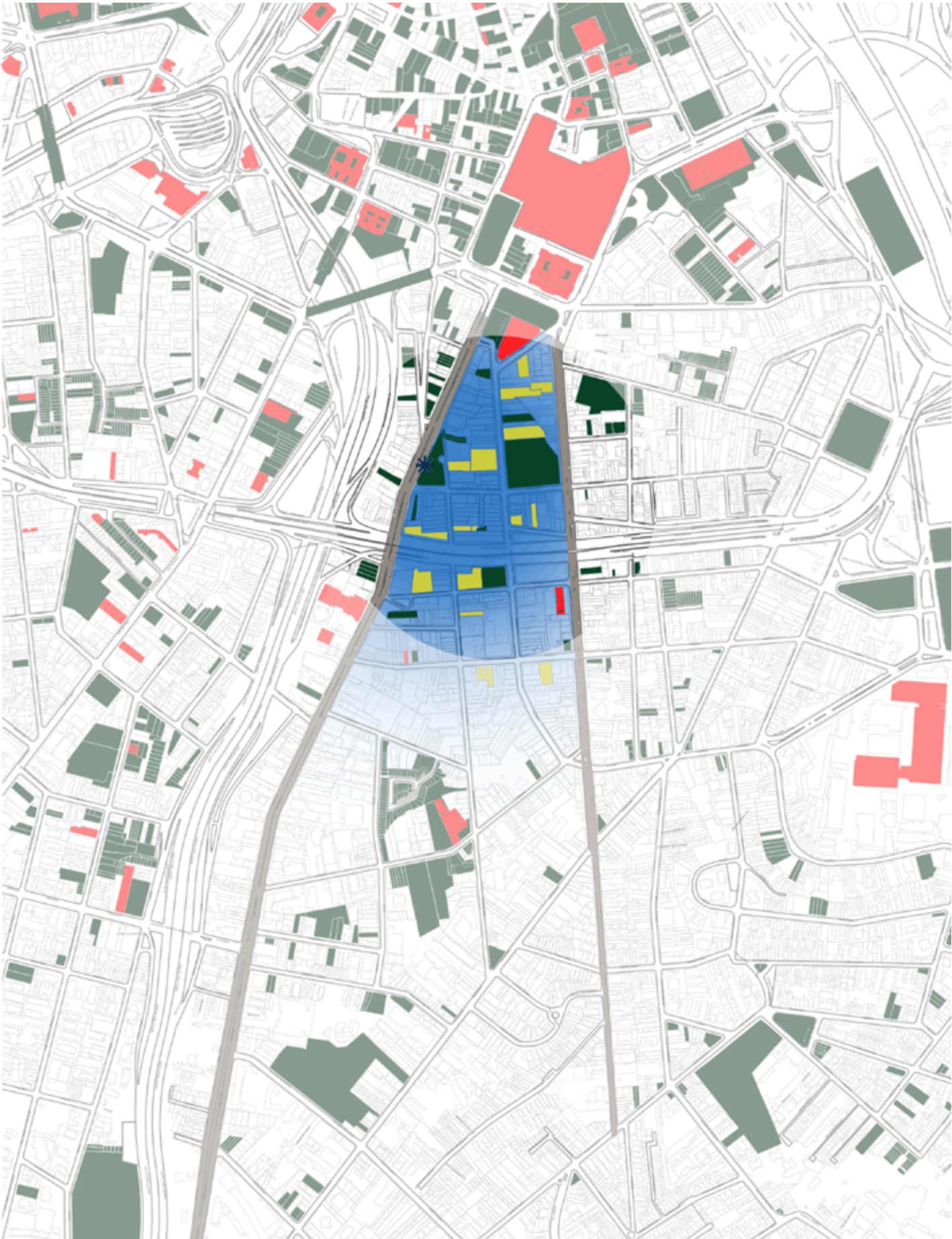






fig. 22. Vista da rua Conselheiro Furtado, retidada do Google Street View 2021.



fig. 23. Vista da Avenida Liberdade, retidada do Google Street View 2021.



# Escolha do terreno de projeto.

Aproximando-se da área de interesse, dois pares de lotes foram identificados como os mais relevantes para projeto. A combinação do lote 1 ao 2 e do lote 3 ao 4.



## Legenda

- \* Estação de metrô Japão-Liberdade
- Bem tombado e/ou em processo de tombamento
- Vias delimitadoras
- Lotes levantados
- Equipamentos de cultura

área de interesse + -



Escala indefinida.

Mapa10 aproximado.

## Pimeira opção de terreno.



fig.24. Edifício ocupante do primeiro lote levantado. Edição sobre captura de tela retirada do Google Earth 2021.

fig.25. Edifício ocupante do segundo lote levantado. Edição sobre captura de tela retirada do Google Street View 2021.

A primeira possibilidade de terreno é a junção dos lotes 1 e 2, ressaltados nas vistas à cima. Esse terreno possui uma localização privilegiada na praça da liberdade, de frente para a estação do metrô, e apresentam a possibilidade de interligação da praça com a rua dos estudantes visto que o lote de número 2, atualmente ocupado por um grande estacionamento, está alinhado ao lote 1.

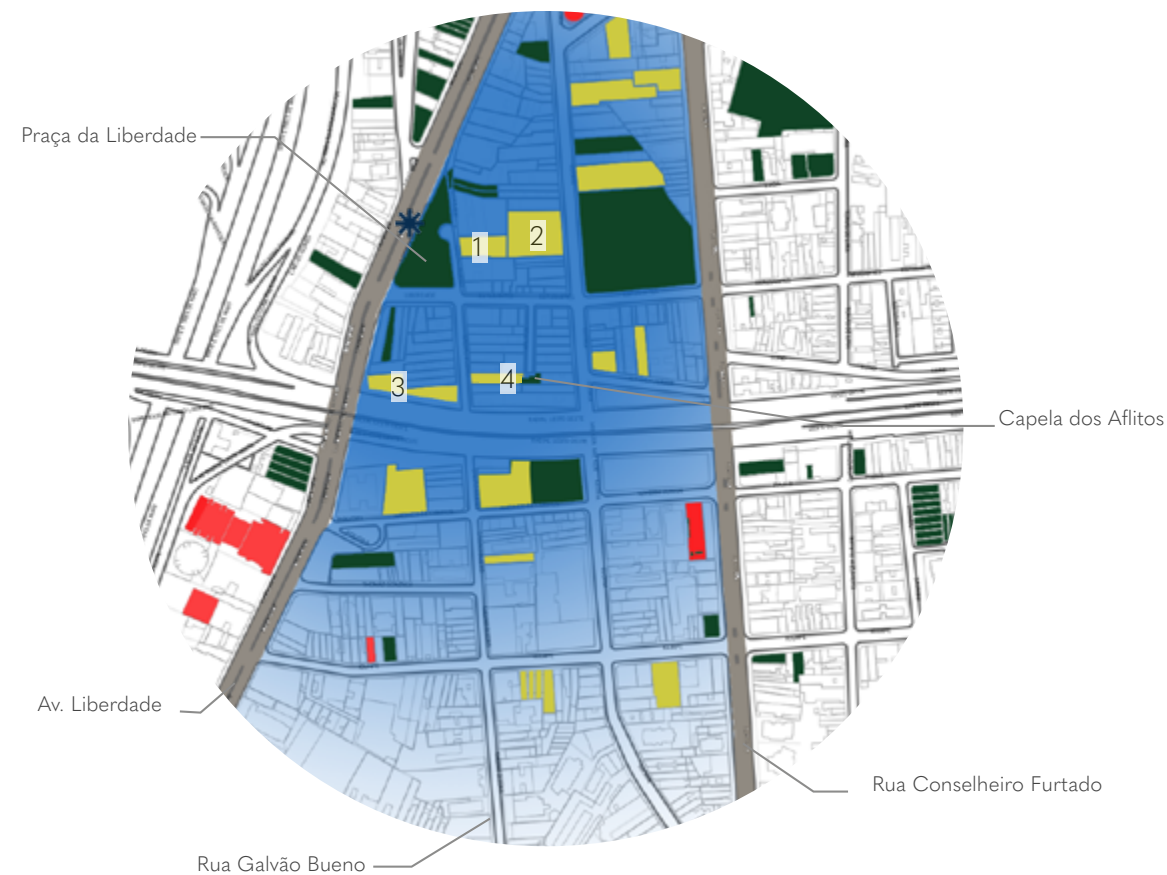
O esse terreno possibilitaria imaginar a expansão da área da praça da Liberdade através de um espaço aberto no térreo do projeto para ser utilizada como praça complementar nos dias em que o bairro

recebe um grande volume de visitantes. Além disso, a remoção da unidade do banco Bradesco, que possui sua fachada decorada à moda asiática, seria uma ajuda na redução da decoração excessivamente oriental do bairro que reconhecemos como uma problemática anteriormente.

Apesar do grande potencial, essa combinação foi descartada em detrimento do segundo arranjo de lotes.



Segunda opção de terreno.



A segunda possibilidade de terreno, a opção escolhida, é a combinação entre os lotes 3 e 4 que estão frente a frente ao longo da rua Galvão Bueno, rua de maior fluxo de pedestres na área analisada.

O lote de número 3 tem ao seu fundo a Capela dos Aflitos, um bem tombado de grande importância para a história do bairro. Além disso, em 2018, o terreno foi local de descoberta de nove ossadas com mais de 200 anos durante a execução de uma obra particular. Em decorrência da descoberta e à mobilização de ativistas negros em prol da reivindicação de um memorial no endereço, em janeiro de 2020, o ex-prefeito de São Paulo, Bruno Covas, promulgou a lei nº 17.310 que oficializou a criação do Memorial dos Aflitos no bairro da Liberdade. No momento de realização deste trabalho, ainda não se mostrava disponível um programa de

- \* Estação de metrô Japão-Liberdade
- Bem tombado e/ou em processo de tombamento
- Lotes levantados
- Vias delimitadoras
- Equipamentos de cultura

área de interesse + -



Escala indefinida.

Mapa10 aproximado.

projeto idealizado para o Memorial.

O terreno de número 4 no que lhe concerne, é atualmente ocupado pelo jardim japonês e uma edificação que abriga uma escola de judô e serve como local de apoio para 'staff' em dias de eventos culturais no bairro. Contudo o edifício e o jardim ficam fechados grande parte da semana.

Analizando o terreno formado pela junção dos lotes escolhidos, decidi acrescentar o lote vizinho ao jardim japonês, hoje ocupado por edifício comercial padrão. O motivo da adição se deu por conta deste lote se encontra alinhado ao lote 4, e por conta que área extra conseguida com essa adição é essencial para a viabilidade do programa idealizado.



fig.26. Edifício ocupante do quarto lote levantado, com a capela dos aflitos ao fundo Edição sobre captura de tela retirada do Google Earth 2021.

fig.27. Capela dos Aflitos.. Edição sobre captura de tela retirada do Google Street View 2021.

fig.28. Vista aérea do jardim japonês ao lado da Av. radial Leste. Edição sobre captura de tela retirada do Google Earth 2021.

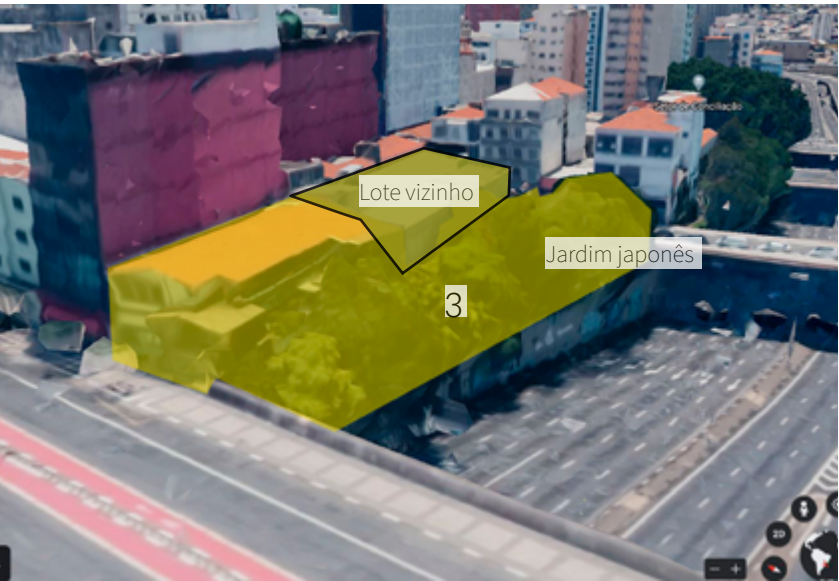






fig.29. Vista da rua Galvão Bueno com destaque para as fachadas dos lotes de projeto. Edição sobre captura de tela retirada do Google Street View 2021.

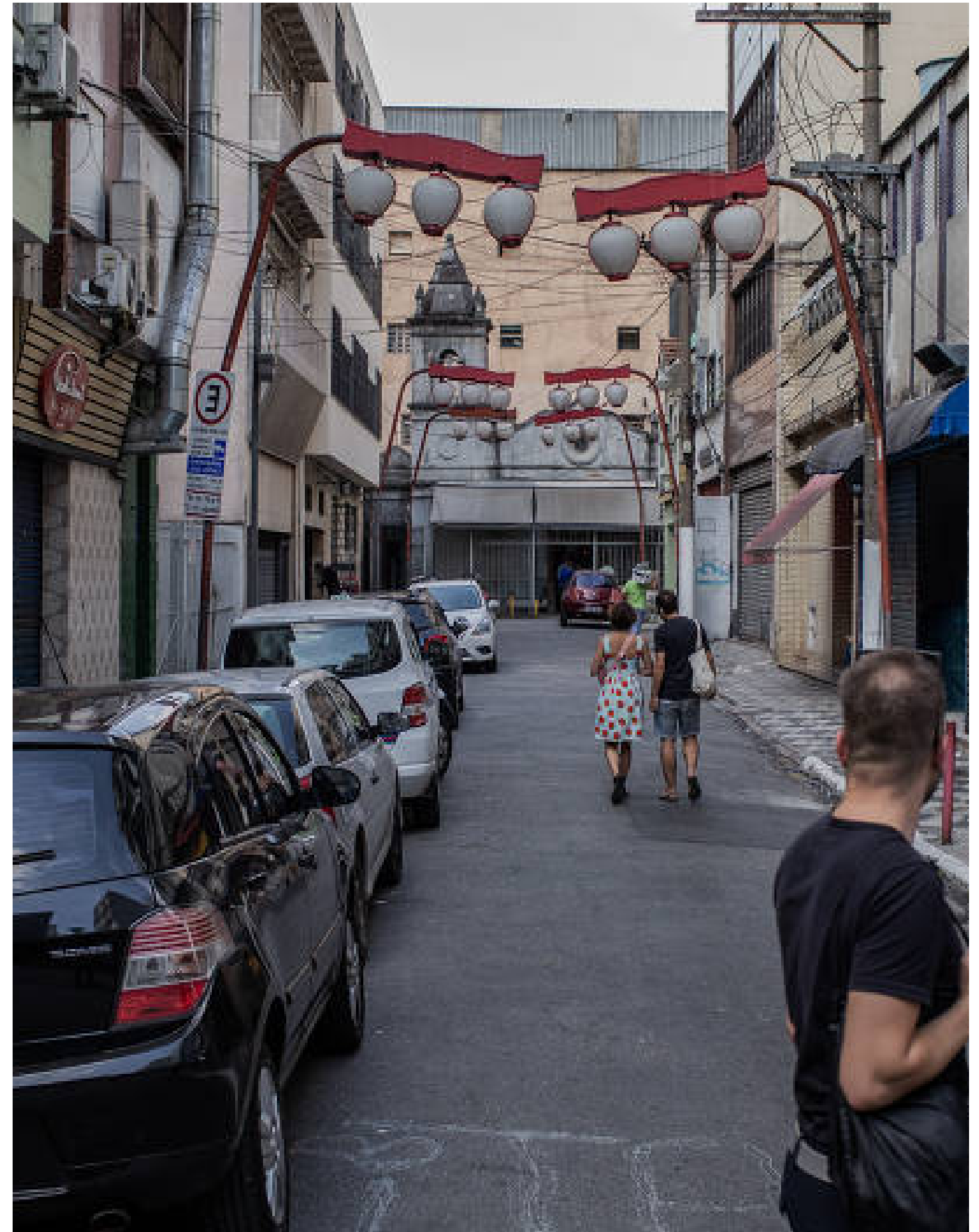


## capela dos aflitos

A capela, cujo culto é dedicado à Nossa Senhora dos Aflitos, tem sua origem ligada ao Cemitério dos Aflitos, primeiro cemitério público de São Paulo. Construída modestamente, em 1774, em taipa de pilão, possui acréscimos de alvenaria de tijolos e concreto armado que descaracterizaram a sua feição original, ficando parte de sua elevação principal encoberta.

Em em 1858 , quando foi inaugurado o Cemitério da Consolação, o cemitério dos Aflitos deixou de desempenhar as suas funções e, anos mais tarde, o terreno foi loteado em hasta pública a particulares pelas autoridades eclesiásticas que conservaram apenas o beco e a capela. Este fato propiciou a construção desordenada de edifícios no entorno imediato da capela, que prejudicam sensivelmente as suas visuais e preservação.

fig.30. ANIZELI, Eduardo. Um beco de 50 metros de extensão com uma capela de taipa de 1774 ao fundo é tudo que sobrou do primeiro cemitério público de São Paulo. 2018. 1 fotografia. . Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.rias/1609621348748110-capela-dos-aflitos>. Acesso em: 12 jan. 2022.





## jardim japonês

O jardim japonês da Liberdade está em todas as listas de “coisas a serem feitas no bairro da Liberdade”, contudo o espaço pequeno e mal aproveitado. O jardim fica fechado por grandes períodos de tempo e quando aberto, tem seu acesso deficiente e pouco convidativo. As grades que cercam sua entrada restringem o espaço que já não é muito. Assim, aos fins de semana, os inúmeros turistas são forçados a se apertarem para conseguir o adentrar. Os caminhos do jardim são estreitos e por esse fato faz com que a maioria dos visitantes vá embora antes mesmo de passar o lago que fica na entrada. Mesmo que se consiga adentrar o jardim, o caminho é curto e fechado logo que se encontra como fundo da edificação que fica ao fundo do jardim, sendo impossível o acesso à saída pela Avenida Liberdade.



fig.31. Entrada do jardim japonês na rua Galvão Bueno. Registro de visita de campo, 2022.



fig.32. Vista do interior do jardim japonês. Registro de visita de campo, 2022. Registro de visita de campo, 2022.



fig.33. Vista do interior do jardim japonês. Registro de visita de campo. Registro de visita de campo, 2022.



fig.34. Edificação que fica em conjunto com o jardim japonês. Registro de visita de campo, 2022.



### **3. Projeto**

## Diretrizes

A motivação inicial do trabalho continuou norteando o projeto. Ele então, tem com objetivo primeiro, a criação de um centro de cultura e memória que abrigue a história do bairro e sirva como local de descoberta para aqueles visitantes que ainda a desconhecem.

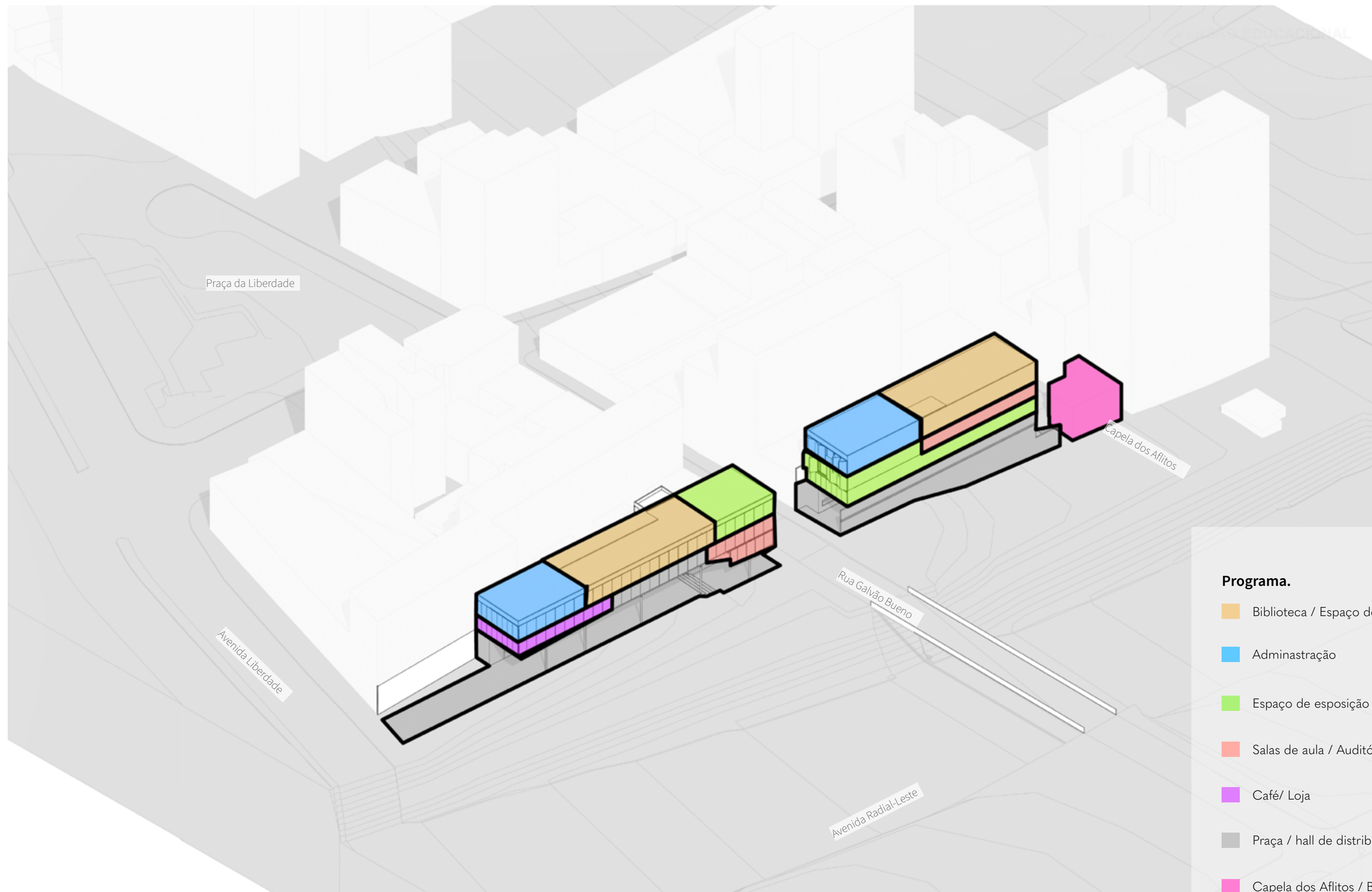
Em segundo, o projeto ser um equipamento onde dois grupos institucionais distintos tenham espaços de trabalho separados, mas simultaneamente em conjunto. Ambos os edifícios possuem seus escritórios administrativos, mas os espaços de eventos como as salas de aula e o auditório são únicos em todo o projeto. Assim imagina-se que ambos os grupos usufruam desses espaços, mantendo um calendário de eventos em conjunto, fazendo com o projeto seja lido como uma única instituição. Projeta-se então, não “O Memorial dos Aflitos da Liberdade” e o “Centro de Cultura Asiático da Liberdade”, mas sim um único centro, o “O centro de cultura e memória do bairro da Liberdade.”

Por fim, contribuir para a preservação dos poucos vestígios do passado de controle e opressão presentes na arquitetura da Liberdade. O projeto então parte da busca de integrar a Capela dos Aflitos de volta às visuais da Liberdade. Isso adicionada à leitura das potencialidades do terreno escolhido deixa claro corte transversal do projeto, em torno do qual o restante se estrutura.

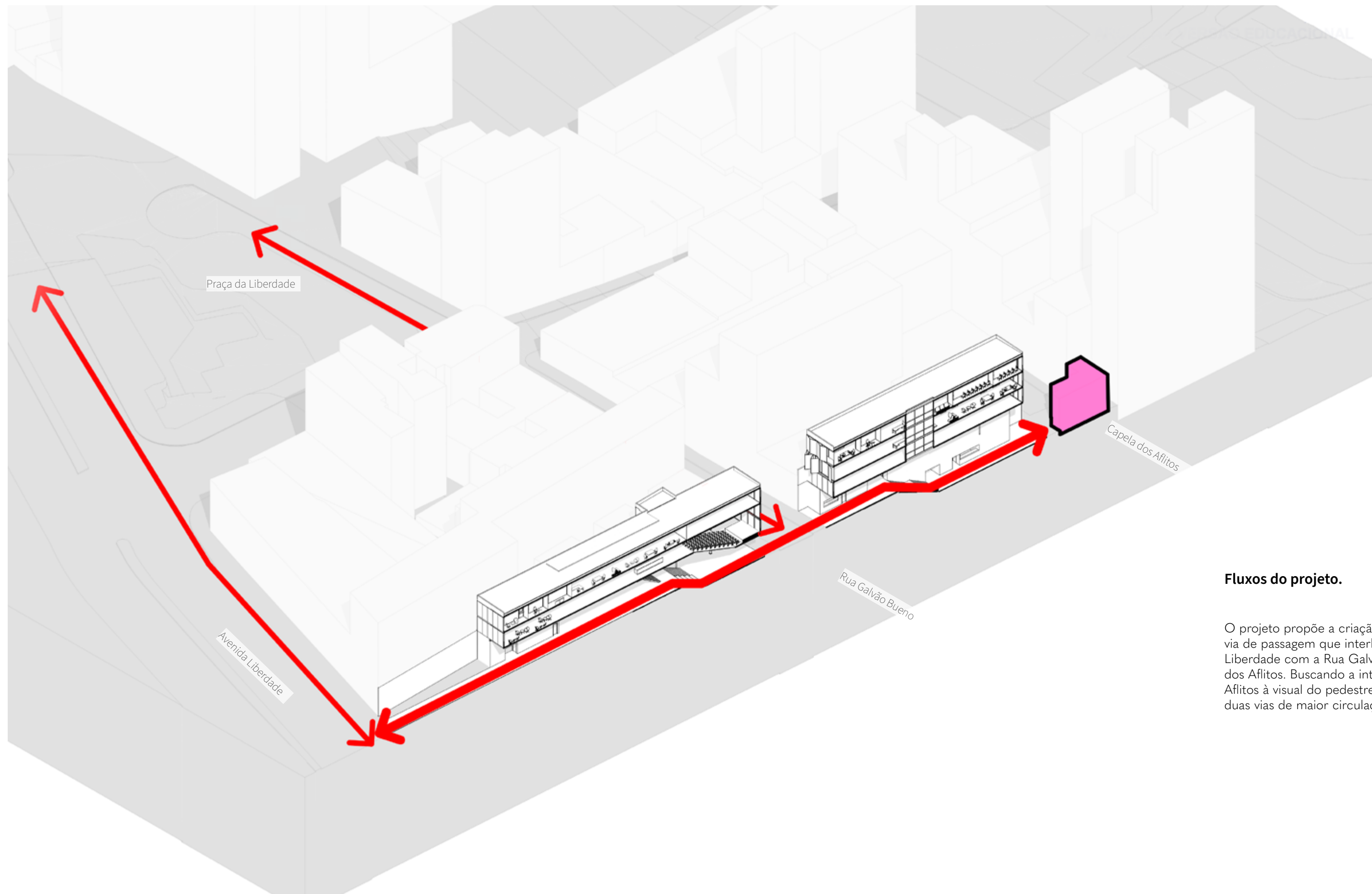


## Diagramas



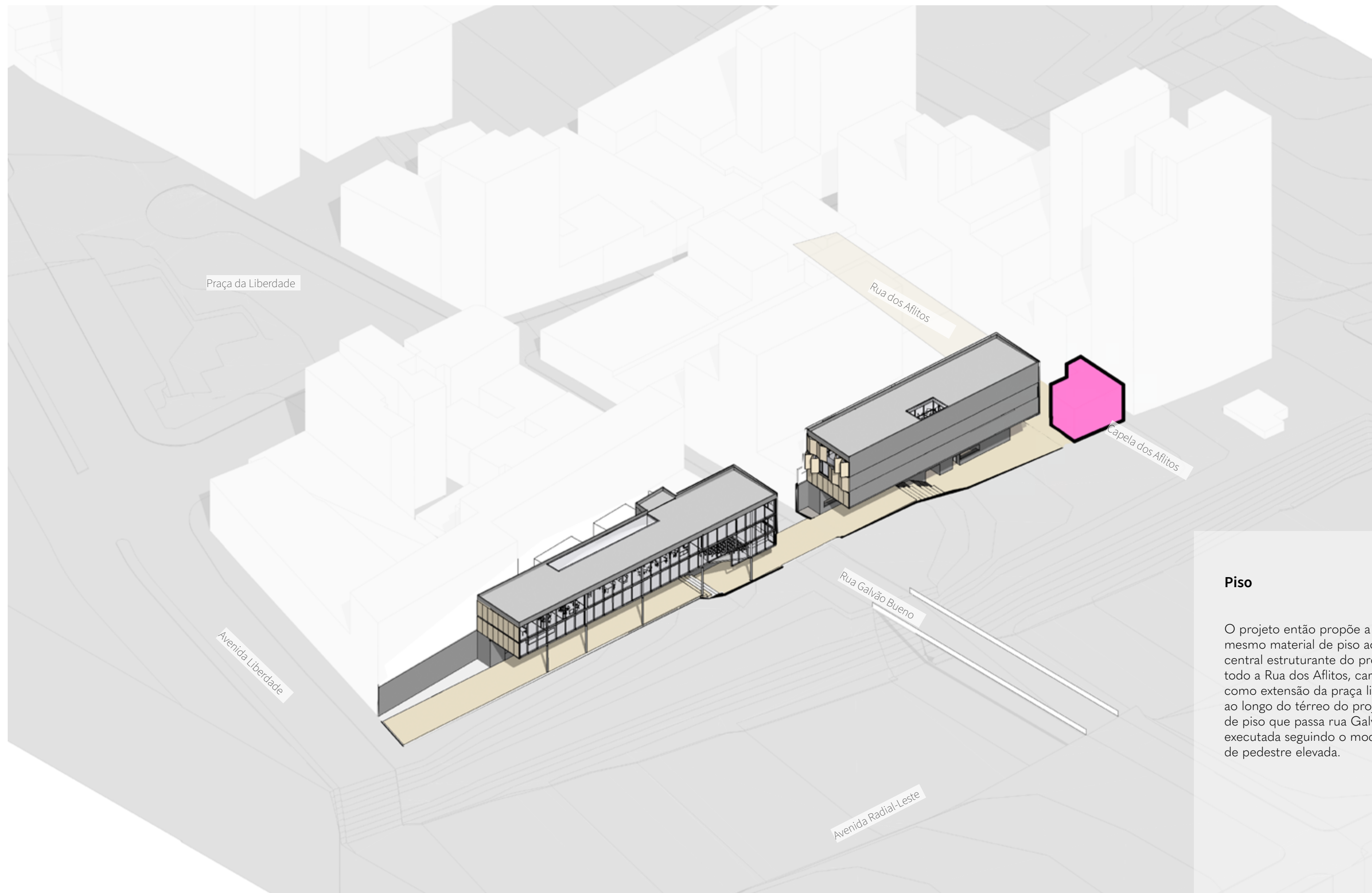






### Fluxos do projeto.

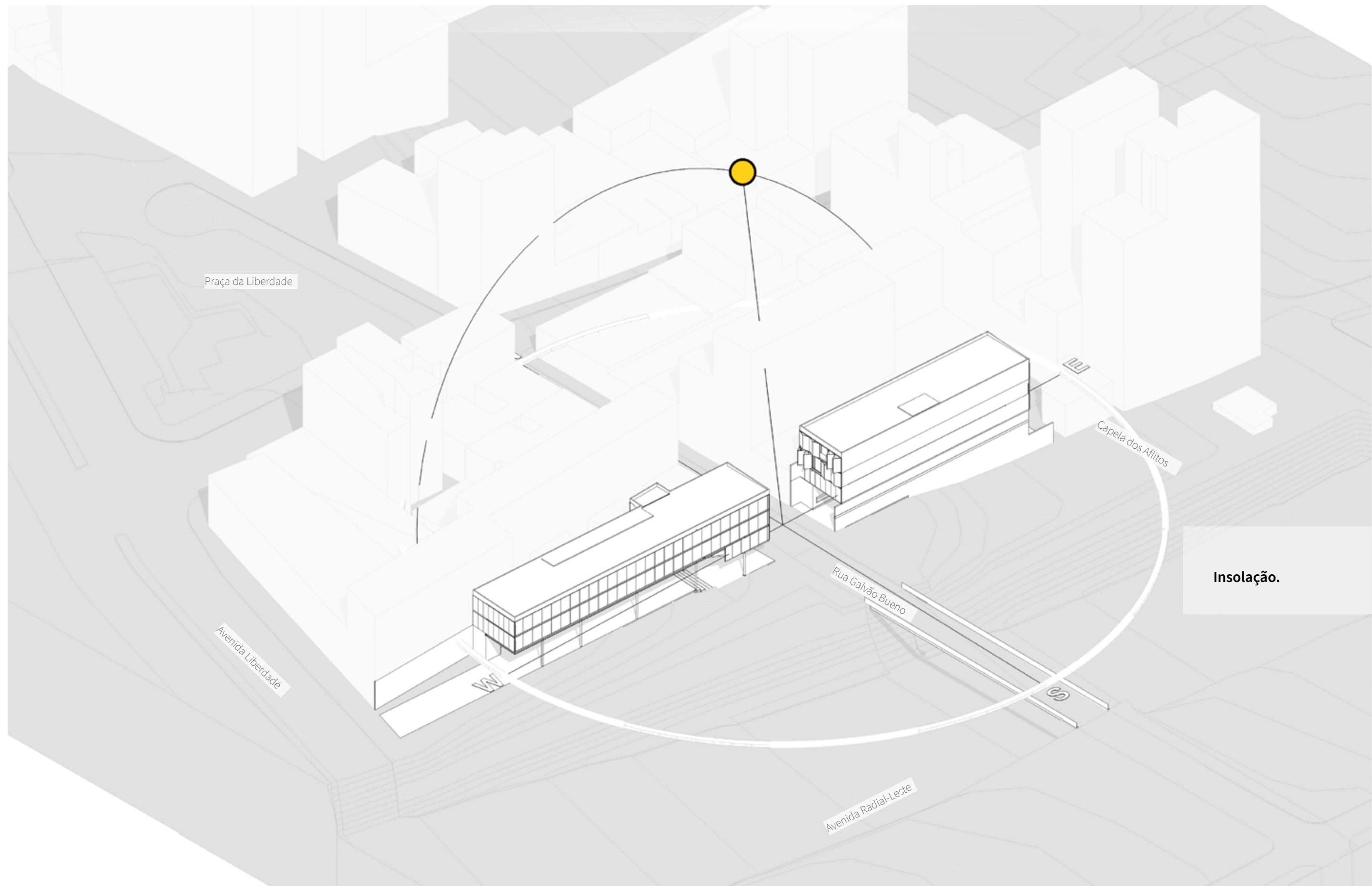
O projeto propõe a criação de uma nova via de passagem que interliga a Avenida Liberdade com a Rua Galvão Bueno e a Rua dos Aflitos. Buscando a integrar a Capela dos Aflitos à visual do pedestre que passa pelas duas vias de maior circulação no bairro.



## Piso

O projeto então propõe a aplicação do mesmo material de piso ao longo do eixo central estruturante do projeto e ao longo de todo a Rua dos Aflitos, caracterizando a rua como extensão da praça livre que se forma ao longo do térreo do projeto. O trecho de piso que passa rua Galvão Bueno seria executada seguindo o modelo de uma faixa de pedestre elevada.

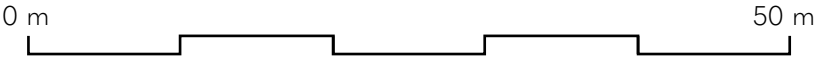




Plantas e Cortes



Pavimento -1



- 1    Entrada Rua dos Aflitos
- 2    Café





- 1 Entrada Rua Galvão Bueno
- 2 Recepção



Primeiro Pavimento



- |   |                          |   |                    |
|---|--------------------------|---|--------------------|
| 1 | Entrada Av. da Liberdade | 3 | Sala de exposições |
| 2 | Auditório                | 4 | Área técnica       |





Segundo Pavimento

- |   |             |   |                    |   |            |
|---|-------------|---|--------------------|---|------------|
| 1 | Café / loja | 3 | Auditório          | 5 | Biblioteca |
| 2 | Foyer       | 4 | Sala de exposições |   |            |



Terceiro Pavimento



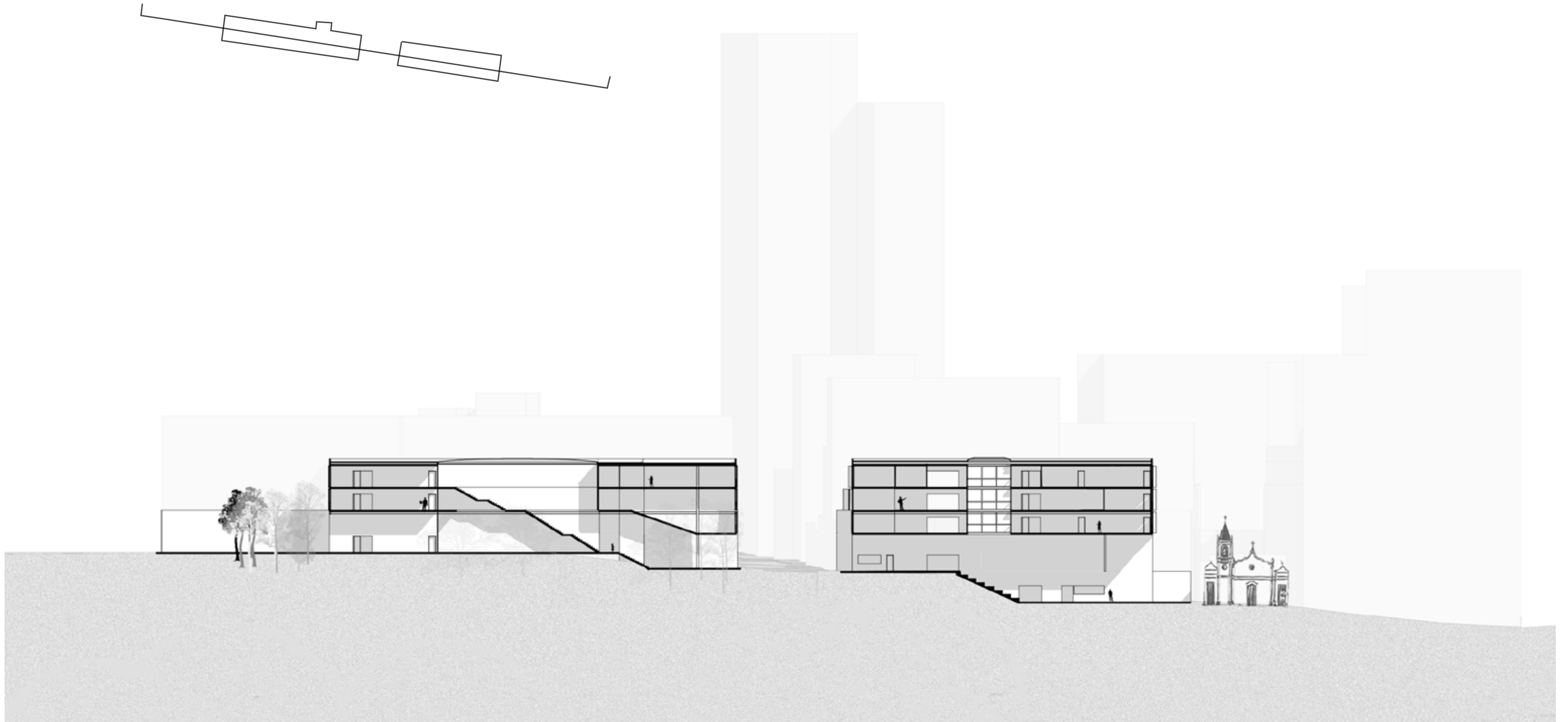
- |   |               |   |                    |
|---|---------------|---|--------------------|
| 1 | Administração | 3 | Sala de exposições |
| 2 | Biblioteca    | 4 | Salas de aula      |





Cobertura

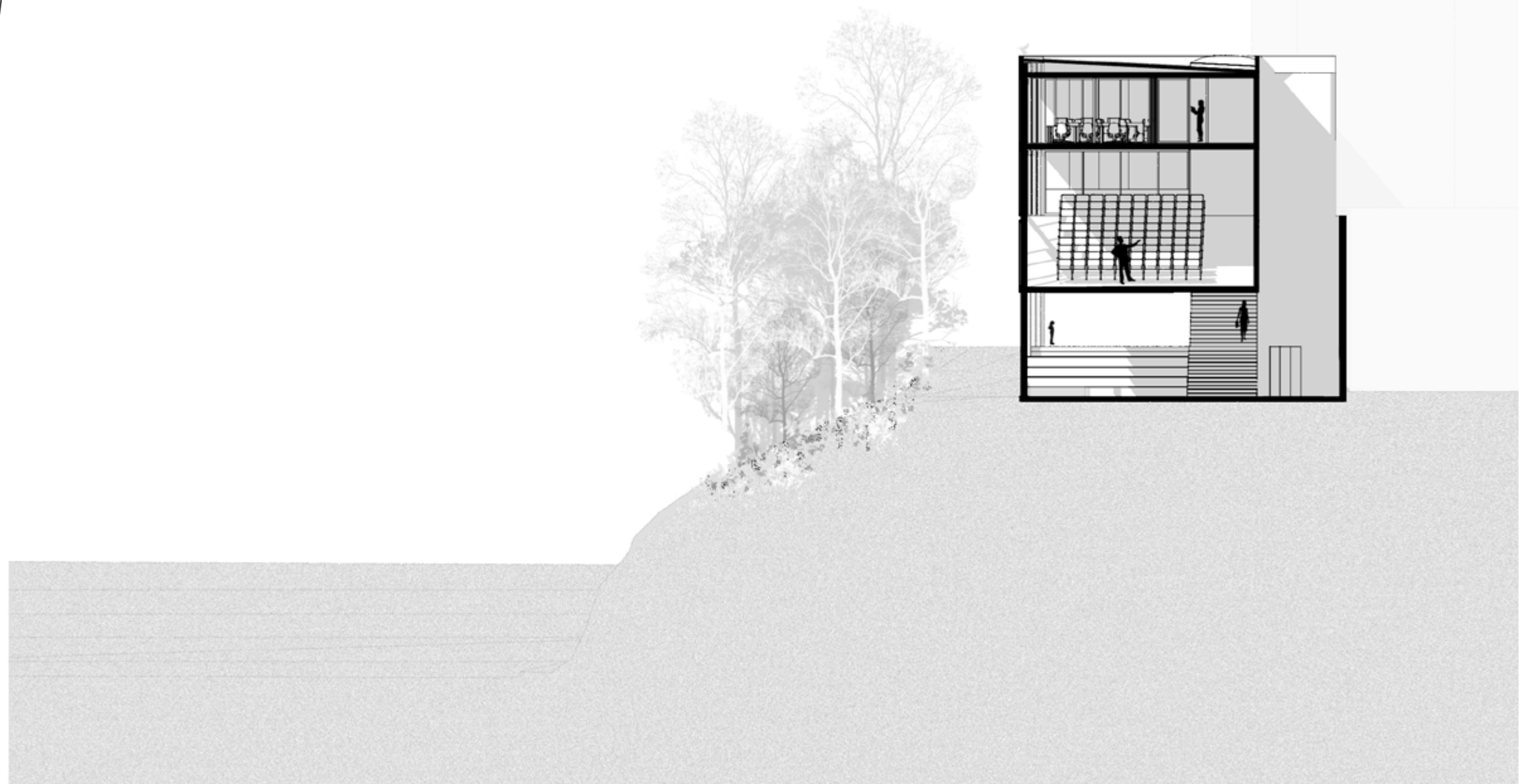
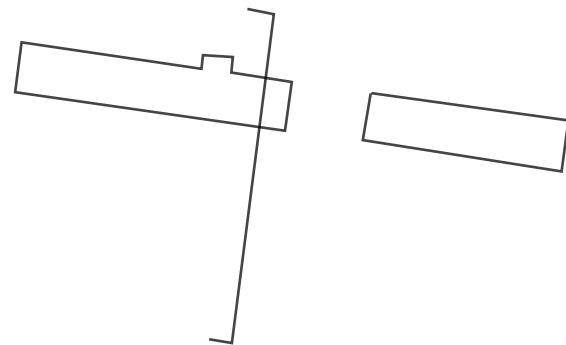




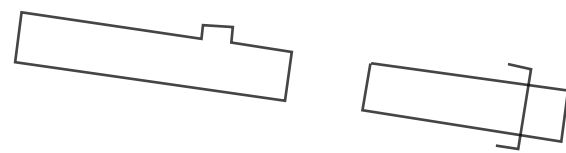
**Corte AA**

0 m 50 m





**Corte BB**



## Corte CC





































# Conclusão

Para concluir gostaria, antes de mais nada, fazer uma apreciação crítica do trabalho feito. A idealização inicial desse trabalho acreditava um desenvolvimento mais extenso do projeto arquitetônico. Contudo, esta idealização inicial era também fruto de uma visão simplória e um tanto pragmática do contexto que envolve o projeto.

O processo das pesquisa e reflexão sobre o histórico do bairro desbloqueou camadas de pensamentos e inseguranças mais extensas e profundas do que inicialmente imaginado. Me questioneis diversas vezes se o projeto proposto fazia sentido. Mal-acostumado com a polarização dos tempos atuais, logo julguei como absurdamente errada a comunidade asiática por ocupar o espaço e apagar a memória dos outros grupos que ali habitavam. Mas entendendo o processo, lendo relatos das pessoas da época, entendi e passei a enxergar outro lado da história. Uma história que, como descendente de imigrantes japoneses, me fez sentir grato.

O resultado do trabalho mostrou como é importante o processo de proposição do projeto arquitetônico. Marta Bogéa e Eneida de Almeida, no texto “Esquecer para preservar”, nos ensinam que os ambientes construídos pelos homens guardam, através de sua materialidade, a memória das ideias, das práticas sociais e dos sistemas de preservação dos indivíduos que ali convivem. Que, sendo impossível e inconveniente buscar manter integralmente a memória materializada na produção cultural, faz se essencial o processo de ativação de memória, implícito na ação de preservação do patrimônio cultural, que corresponde a programar o esquecimento, a controlar seletivamente aquilo que se considera de fato relevante e que portanto, interessa manter vivo como elemento depositário de valor cultural.<sup>1</sup>

Tendo essa postura com principal guia, o projeto então, se estabelece como forma de ler a cidade, no qual os desafios são percebidos e enfrentados, e as potencialidades do lugar são destacadas através do desenho.

1. ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta. Esquecer para preservar. Arquitectos, São Paulo, ano 08, n. 091.02, Vitruvius, dez. 2007 Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.091/181>. Acessado em: 05 jan. 2021.



# Referências bibliográficas

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

GUIMARÃES, Laís B.M.G. (1979). **Liberdade**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipaç de Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1979.

LONE, S. **The Japanese community in Brazil, 1908-1940: between samurai and carnival**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave, 2001.

SAITO, H. **O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação**. São Paulo: Sociologia e Política, 1961.

CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Pauloi: Capital Geográfica do Brasil**. Rio de Janeiro: Livro de Portugal, 1955

DOMINGUES, Petrônio, 2008. Um “templo de luz: Frente Negra brasileira (1931-1933) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro:v13.,n39, set/dez2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27503908>. Acesso em 5 jan. 2022.

MOURA, Paulo. Cursinho de **São Paulo de Outrora. Evocação da Metrópole**. São paulo: Livraria Martins, 1943.

KOK, Glória, 2009. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América Portuguesa. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo:v17,n2,p.91-109, jul/dez.2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142009000200007>. Acesso em: 5 jan. 2022.

PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo: Luta e identidade**. São Paulo: Fudação Carlos Chagas/Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013.

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. **Boletim do Serviço de Imigração e Colonização**. São Paulo, n. 3, mar. 1941.

BATISTA, Liz. **Era uma vez em São Paulo: Cine Niterói**, Estadão. São Paulo, 20 mar. 2015. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sao-paulo-cine-niteroi,10897,0.htm>. Acesso em: 05 jan. 2021.

BARONE, Ana Cláudia Castro. **Liberdade e Punição: O que se reinvidica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade?**. Cadernos Proarq, v.36, nov. 2020.

ROLNIK, Raquel.**São Paulo negra: a memória da cidade é um espaço em disputa**. Labcidade. São Paulo, 20 nov. 2019. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/sao-paulo-negra-a-memoria-da-cidade-e-um-espaco-em-disputa/>. Acesso em: 03 jan. 2020.

COSTANTI, Giovanna. **O que a Liberdade significa para a memória dos negros em São Paulo?**. Carta Capital. São Paulo, 02 set. 2018. Dispionível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-a-liberdade-significa-para-a-memoria-dos-negros-em-sao-paulo/>. Acessado em: 03 jan. 2020.

MARZ, Marília. **Indivisível**. Juizforana Gráfica e Editora. São Paulo, 2019.

ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta. **Esquecer para preservar**. Arquitextos, São Paulo, ano 08, n. 091.02, Vitruvius, dez. 2007 Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/181>. Acessado em: 05 jan. 2021.

BOGÉA, Marta. **Ilé Òsùmàrè Aràkà Àse Ògòdó**. Revista Prumo, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 18, oct. 2018. ISSN 2446-7340. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/765>. Acesso em: 30 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Arquitetura como Narrativa**,

**Baseada em Fatos Reais**. Cadernos de pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2017 CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. Acesso em: 30 jun. 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018. Acesso em: 5 jul. 2021.

**Capela dos Aflitos: construída no século XVIII, está esquecida no coração de São Paulo**, 2018. 1 vídeo (5m21s). Publicado pela Globo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7045511/>. Acesso em: 03 jan. 2021.

ARROYO, Leonardo, DANON, Diana Doro-thèa. **Memórias e Tempo das Igrejas de São Paulo**. São Paulo: Editora Nacional / EDUSP, 1971.

**Bens culturais arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo**. SNM – Secretaria de Estado dos Negócios Metropolitanos, EMPLASA – Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S/A e SEMPLA – Secretaria Municipal de Planejamento, 1984.

# Referências de projeto

Chichu Art Museum / Tadao Ando.p. 260, Ando complete works 1975- today. Taschen

Uma Casa para o Patrimônio Arquitetônico / Noura Al Sayeh & Leopold Banchini Architects. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/911861/uma-casa-para-o-patrimonio-arquitetonico-noura-al-sayeh-and-leopold-banchini-architects>. Acessado em: 13 abr. 2022.

Chapel of Reconciliation / Reitermann and Sassenroth. Disponível em: <https://www.thisispaper.com/mag/chapel-of-reconciliation-by-reitermann-sassenroth>. Acessado em 18 jan. 2022.

IMS São Paulo / Andrade Morettin Arquitetos. Disponível em: <https://www.andrademoretin.com.br/projetos/ims/>. Acessado em: 22 fev. 2022.

Prada Epicenter New York / OMA. Disponível em: <https://www.oma.com/projects/prada-epicenter-new-york>. Acessado em 05. mar. 2022

MAHFUZ, Edson. Loja Forma, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1987. Série projetos exemplares, n. 1. Projetos, São Paulo, ano 11, n. 123.04, Vitruvius, mar. 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.123/3818>. Acessado em: 22 fev. 2022.

Instituto Moreira Salles / spbr. Disponível em: <https://spbr.arq.br/project/1116/>. Acessado em: 22 fev. 2022.

Espaço ZEN Wellness SEINEI / Shigeru Ban Architects. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/981840/espaco-zen-wellness-seinei-shigeru-ban-architects>. Acessado em: 23 fev. 2022.

Casa Ponte e Torre de Observação / TAO - Trace Architecture Office. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/923201/casa-ponte-e-torre-de-observacao-tao-trace-architecture-office>. Acessado em: 12 abr. 2022

Centro Cultural Coreano / Oliveira Cotta Arquitetura + Padovani Arquitetos. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/961703/>

centro-cultural-coreano-oliveira-cotta-arquitetura-plus-padovani-arquitetos. Acessado em: 12 abr. 2022.

10SPACE, The Future Hall / SpaceStation. Disponível em: A<https://www.archdaily.com.br/br/913674/10space-the-future-hall-spacestation>. Acessado em: 13 abr. 2022.

Museu de Arte SanBaoPeng / DL Atelier. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/885121/museu-de-arte-sanbaopeng-dl-atelier>. Acessado em: 13 abr. 2022.

Centro de Memória, Paz e Reconciliação / Juan Pablo Ortiz Arquitectos. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/761385/centro-da-memoria-paz-e-reconciliacao-juan-pablo-ortiz-arquitectos>. Acessado em 16 mai. 2022.

Livraria da Vila / Isay Weinfeld. Disponível em:<https://www.archdaily.com.br/br/01-7059/livraria-da-vila-isay-weinfeld>. Acessado em 16 mai. 2022.